

E se eles tiverem razão?

Assisti recentemente a uma apresentação feita pelo director-geral em Portugal de uma empresa multinacional que desenvolve sistemas operativos proprietários concorrentes do Linux. A apresentação debruçava-se sobre a visão da empresa para as TI e focava dois pontos principais que seriam motores de produtividade empresarial: a “mudança” e a “inovação”.

Sabendo que a empresa em questão não faz inovação em Portugal e a mudança que provoca é de liquidez junto das empresas que licenceiam os seus produtos, interroguei-me em que pensaria o orador dessa empresa enquanto percorria os *slides* institucionais recém-traduzidos. Depois de alguma “psicanálise” duvidosa cheguei à conclusão que provavelmente ele questionava-se “E se eles tiverem razão?”.

Por “Eles” refiro-me a a) grandes empresas multinacionais como Sun, IBM e SAP; b) Comissão Europeia e Conselho Europeu com e-europe 2002 e 2005; c) Administração pública de países europeus como o governo inglês ou a cidade de Munique; d) e milhões de empresas e particulares que gradualmente aderiram ao Linux.

O estado da utilização de Linux em Portugal pode ser decomposto em diferentes sectores que andam a velocidades variadas.

O **tecido empresarial** é o mais discreto mas aquele no qual o Linux tem tido uma maior penetração a nível de Servidores. Ofertas recentes como a do Linux Caixa Mágica em áreas como a Formação, *Appliances* de Segurança e pacotes personalizados (PME, Desktop,...) a preços acessíveis ajudam mais facilmente a quebrar as barreiras psicológicas à mudança. Contudo, é preciso se perceber que seja em pequenas, médias ou grandes empresas a migração de tecnologia tem, pelo menos, um custo: a formação de recursos humanos ou contratação desse conhecimento fora da empresa. A adesão ao software livre deve ser feita ponderando custos e proveitos para a empresa. O Desktop tem sido conquistado muito mais gradualmente mas com firmeza através de uma aplicação-âncora: o OpenOffice. Esta suite de *office* é interoperável com o produto da empresa que atrás referi - e que têm um pacote de Office concorrente – mas é totalmente gratuito e aberto. Dado que este produto existe para Windows e Linux é curioso verificar que algumas empresas têm começado por mudar o Office e, posteriormente, mudam o sistema operativo.

Dos **particulares** também se tem notado uma crescente curiosidade e vontade de experimentar. Os milhares de *downloads* mensais do Linux Caixa Mágica a partir de todos os pontos do país atestam essa vontade em mudar. Notamos também que alguns acabam por o abandonar ao se sentirem com menos apoio pelo facto do “curioso” do bairro ou da família que costuma safar a situação apenas conhecer o “outro” sistema operativo. Sim, aquele “outro” comercializado pela empresa do orador já referido. Essa é uma realidade que apenas pode ser alterada por um efeito “bola de neve” que crie massa crítica.

Ainda numa análise realista, não se pode falar de adesão da **administração pública** ao Software Livre mas antes de “namoro” reticente e cauteloso.

Por um lado, surpreende-nos a ausência de directivas nacionais claras emitidas a nível dos ministérios, ou mesmo da UMIC, que possam auxiliar os sectores públicos interessados em saber como fazer a progressiva migração de tecnologias. Dado que a legislatura ainda vai a meio pode ser que a segunda metade nos traga surpresas...

Por outro, temos em Portugal um dos passos mais sérios que conheço a nível mundial. O Ministério da Educação incluiu como módulo alternativo para a disciplina de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), a ser leccionada ao 9º e 10º ano a partir de 2004/2005, o Linux. Complementada com a uma eventual disponibilização do Linux nos computadores das escolas e formação aos professores teríamos uma medida com um impacto tremendo que estaria ao nível de decisões como a da Estremadura Espanhola (Linex) ou a já citada cidade de Munique.

Significava isto que os nossos filhos, independentemente da área de estudo, se iam sentar em frente ao Linux e perder o medo de o utilizar. Se a coragem política é de louvar, apesar da oscilação inicial que fez passar de obrigatório a alternativo, prefiro enfatizar o facto de ser uma medida estruturante que trará resultados a médio / longo prazo e não apenas conjuntural. Contudo o Ministério da Educação não está sozinho. O Centro de Informática do Exército tem a sua unidade militar com 100 estações de trabalho equipadas com OpenOffice.. A Câmara Municipal de Celorico da Beira utiliza a *appliance* CM ProLook para racionalização de utilização de largura de banda. Empresas públicas baseiam a sua estrutura Web em Linux. E alguns outros casos deveriam ser citados para não ser injusto.

Assim, se em 1991 o Linux era “apenas” a ocupação das noites frias de um Finlandês, se em 1995 era “apenas” a loucura de uns quantos ratos-de-cave das universidades portuguesas, se em 2000 era “apenas” a alavanca das empresas de sucesso da “bolha” (como o Google ou a Amazon), em 2004 é uma realidade diferente.

É a realidade que nos provoca o murmúrio que ouvimos nos corredores de ministérios, PMEs e nas novas instalações do TagusPark da empresa concorrente do Linux: “**E se eles têm razão?**”.